



Manifestantes entoam *slogans* pró-Estado Islâmico e agitam bandeiras do grupo em frente à sede do governo provincial em Mosul, Iraque, 16 Jun 14.

(Associated Press)

# O Futuro da Guerra contra o Jihadismo Islâmico

## Como Enfrentar e Derrotar Combatentes Inimigos Não Estatais, Não Uniformizados, Ilegais

Ten Cel (Res) Allen B. West, Exército dos EUA

*Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; se tiveres cem combates a travar, cem vezes serás vitorioso. Se ignoras teu inimigo e conheces a ti mesmo, tuas chances de perder e de ganhar serão idênticas. Se ignoras ao mesmo tempo teu inimigo e a ti mesmo, só contarás teus combates por tuas derrotas.*

—Sun Tzu, *A Arte da Guerra*\*

**L**embro-me de minha lista de leitura obrigatória quando me tornei segundo-tenente de Artilharia de Campanha do Exército. Dois livros se destacaram: *Ataques de Infantaria*, de Erwin Rommel, e a *Arte da Guerra*, de Sun Tzu. Mais tarde, quando, já como um jovem capitão, viajei do Forte

Riley, no Estado do Kansas, para o Oriente Médio, a fim de servir nas Operações *Desert Shield* e *Desert Storm*, reli *A Arte da Guerra*. A citação acima, retirada desse livro, é uma de minhas favoritas (junto com uma citação às vezes atribuída a Alexandre Magno: “A sorte favorece os audazes.”)

A atual conflagração em que nosso país — na verdade, o mundo — se vê envolvido, enfrentando o problema do jihadismo islâmico, faz com que a citação de Sun Tzu pareça bastante relevante. Quando deixamos de reconhecer o movimento jihadista global, não somos capazes de entender a história, as metas e os objetivos desse inimigo, que expressa, constantemente, seus desígnios, apenas para serem descartados ou desconsi-

derados pela liderança dos Estados Unidos da América (EUA). Ainda que alguns creiam que seja algo desnecessário, não identificar o inimigo nos coloca em clara desvantagem para conquistar a vitória, como postularia Sun Tzu. Até mesmo a designação de “Guerra contra o Terrorismo” é terrivelmente inadequada. Um país não pode combater uma tática, que é o que o terrorismo representa: um meio para um fim. Seria o mesmo que nos referíssemos à Segunda Guerra Mundial como a “guerra contra a *blitzkrieg*” ou o “combate contra os *kamikazes*”.

Atualmente, o mundo está focado no Estado Islâmico (EI, ou ISIS, na sigla em inglês) do Iraque e da Síria. Contudo, como os EUA enfrentam esse combatente inimigo ilegal no campo de batalha de hoje? Os EUA e seus aliados ocidentais devem considerar o EI como sua maior ameaça. Entretanto, não devemos desconsiderar a ameaça representada por outros grupos, como o Boko Haram e a Al Qaeda. Utilizemos a citação de Sun Tzu para apresentar uma direção para nossa política e uma solução para combater e vencer não apenas o EI, mas a jihad global.



A Força Aérea dos EUA bombardeia trechos e pontes importantes na Trilha Ho Chi Minh, durante a Operação *Tiger Hound*, por volta de 1965. Os norte-vietnamitas utilizavam a trilha para movimentar tropas e suprimentos para o sul. O fato de os EUA e o Vietnã do Sul não conseguirem interditar essa linha de comunicações essencial e negar, ao Vietnã do Norte, a área segura que ela proporcionava acabou por contribuir para o êxito das forças norte-vietnamitas e vietcongues.

(Foto cedida pelo U.S. Air Force National Museum)

[\*Trecho traduzido extraído de Sun Tzu, *A arte da guerra*. Tradução de Sueli Barros Cassal (Porto Alegre: L&PM, 2011) — N. do T.]

## Imperativos Estratégicos

Para derrotar o EI e o movimento jihadista global, os EUA precisam atender a imperativos estratégicos, dos quais não dispõem atualmente. Esses imperativos não são, simplesmente, tarefas do nível tático conduzidas em um âmbito estratégico; palavras como degradar, derrotar e destruir têm definições bastante diferentes para um planejador militar do nível tático ou operacional.

A liderança dos EUA deve entender que a intenção do EI é controlar território a fim de criar sua própria nação. Infelizmente, estamos repetindo o erro terrível que cometemos no Afeganistão, quando permitimos que o Talibã subisse ao poder e controlasse território. Seu movimento local aliou-se às intenções globais da Al Qaeda e de Osama bin-Laden. O resultado não foi apenas o estabelecimento de um Estado bárbaro e violento do século VII, mas também a exportação de uma ideologia perversa, que defende atividades terroristas.

**Negar áreas seguras ao inimigo.** O primeiro imperativo estratégico que os EUA necessitam cumprir para derrotar o inimigo é negar-lhe áreas seguras. Isso significa, simplesmente, que precisamos nos comprometer com operações voltadas ao inimigo, em vez de operações voltadas ao terreno. A mensagem que temos de passar ao inimigo é a de que não seremos dissuadidos de combatê-lo caso busque abrigo dentro das fronteiras de outra nação. Nossa maior vantagem consiste em nossa mobilidade estratégica; precisamos usá-la para levar o combate ao inimigo, que não respeita delimitações ou fronteiras. Precisamos atacar as forças jihadistas em suas bases de operações.

Falhamos, até agora, por nos concentrarmos na construção nacional sem conduzirmos, simultaneamente, operações de ataque. Vale considerar os primeiros dias da Operação *Enduring Freedom*, quando nossas forças, junto com as da Aliança do Norte, conseguiram expulsar um exército talibã de 60 mil



Um menino paquistanês, vestindo um chapéu com a palavra "Alá", segura um fuzil de brinquedo enquanto observa a multidão durante uma demonstração pró-Talibã na cidade portuária de Karachi, 19 Set 01.

(Associated Press, Zia Mazhar)

homens do Afeganistão<sup>1</sup>. Não devemos nos sobrecarregar com tarefas de construção nacional enquanto não houvermos negado, completamente, uma base de operações ao inimigo — permitindo-lhe mudar-se para um outro lugar.

Além disso, sejamos francos: os veículos aéreos não tripulados (VANT) representam um meio, e não uma panaceia estratégica nem, seguramente, uma estratégia. Os VANT são uma ferramenta que deve ser empregada no nível operacional ou, quiçá, até mesmo no tático. A última coisa de que precisamos é uma repetição do Vietnã, quando ataques aéreos estavam sendo aprovados no nível estratégico, pela Casa Branca<sup>2</sup>.

**Interditar as linhas de comunicação inimigas.** O segundo imperativo estratégico para obter a vitória contra o EI e a jihad global é interditar suas linhas de comunicação e apoio. Precisamos bloquear seu fluxo de homens, materiais bélicos e recursos, identificando e interrompendo suas rotas de transporte. Devemos trabalhar com nossos aliados a fim de desenvolver um melhor sistema para rastrear os movimentos de jihadistas que busquem entrar em locais designados como zonas de conflito, como a área de operações (A Op) síria, que se tornou a base de operações do EI.

Além disso, não podemos manter o foco apenas nos beligerantes; precisamos voltá-lo, também, aos

Estados-nação que os financiam e apoiam suas atividades. Temos de seguir o rastro do dinheiro. No caso do EI, as receitas petrolíferas têm sido fundamentais para manter suas atividades e, por isso, precisamos identificar as fontes que estão comprando esse petróleo no mercado negro<sup>3</sup>.

Segundo o consagrado modelo “DIME”, há quatro elementos que compõem o poder de uma nação: diplomático, informacional, militar e econômico. Podemos empregar nosso elemento econômico do poder nacional no nível estratégico para bloquear o apoio a grupos jihadistas como o EI, assim como Boko Haram, Al Qaeda, Frente Al Nusra, Hamas, Hezbollah, Talibã, Mártires de Al Aqsa, Abu Sayyaf e todos os demais.

**Vencer a guerra de informações.** O terceiro imperativo estratégico envolve o segundo elemento do poder nacional: o informacional. Precisamos vencer a guerra de informações. A relutância do Ocidente em condenar um inimigo como o EI é desconcertante. Nossas próprias fontes de mídia gastaram mais recursos em discorrer sobre Abu Ghraib no Iraque do que em se concentrar no que é o EI e nas atrocidades do jihadismo islâmico. Não podemos ser vitoriosos contra esse inimigo se não tivermos a coragem de simplesmente identificá-lo e declarar que o que ele faz é perverso. Entretanto, continuamos a utilizar a desculpa já gasta de que “não queremos ofender os muçulmanos”. Não temos de ofendê-los, mas não podemos abdicar da responsabilidade de vencer a guerra contra a propaganda extremista. Isso significa negar ao inimigo uma nova área segura no campo de batalha do século XXI: o domínio das mídias sociais.

O aspecto mais importante de uma efetiva operação de informações contra o EI e outros é documentar o êxito no campo de batalha. Contudo, quando relutamos em enfrentar o inimigo nesse domínio, ele transforma isso em propaganda positiva para seus fins. Então, alguns jovens que vivem sob a liberdade do Ocidente acham as mensagens do inimigo atraentes e buscam aderir a grupos jihadistas. Isso é inaceitável.

Além disso, vamos parar de nos referir a detentos jihadistas como “prisioneiros de guerra” — não são. São combatentes inimigos ilegais e não merecem nem os direitos constitucionais nem os direitos conferidos pela Convenção de Genebra. Um importante aspecto da guerra de informações é o fato de que, embora nossa bondade e benevolência possam estar em conformidade

com nossos princípios e valores, para o inimigo, elas indicam uma fraqueza desprezível.

**Reduzir a esfera de influência do inimigo.** O último imperativo estratégico para obter êxito contra o EI e a jihad global é isolar o inimigo e reduzir sua esfera de influência. Precisamos encolher o território do inimigo. Infelizmente, não somos efetivos em impedir a divulgação e proliferação da ideologia extremista islâmica. E, aqui nos EUA, estamos proporcionando, equivocadamente, uma base de operações a essa ideologia, sob o pretexto de liberdade de religião, sem querer reconhecer que ela está em conflito com os princípios e valores fundamentais de nosso país. Um exemplo ilustrativo: a contínua caracterização oficial do ataque de Nidal Hasan no Forte Hood, em 2009, como “violência no local de trabalho”, quando a verdade foi revelada durante seu julgamento: seu ataque foi, claramente, um ato de jihadismo<sup>4</sup>. Se não bloquearmos a exportação desse jihadismo islâmico, movimentos como o EI se espalharão ainda mais.

## Imperativos Operacionais e Táticos

Esses quatro imperativos estratégicos também se convertem, facilmente, em imperativos do teatro de operações (TO). Precisamos entender que não temos uma guerra no Afeganistão ou uma guerra no Iraque. Temos uma guerra com diferentes TO de combate, e os comandantes nesses TO precisam de diretrizes concisas de nível estratégico, a fim de desenvolverem suas próprias diretrizes para seus subordinados. Imperativos claros nos níveis estratégico e operacional possibilitarão melhores diretrizes para os comandantes no nível tático.

No nível tático, há cinco imperativos: localizar, fixar, engajar, destruir e perseguir. Esses imperativos estão inseridos nos objetivos gerais dos níveis estratégico e operacional. Nossos meios de Inteligência precisam localizar o inimigo. Em seguida, precisamos utilizar meios dos níveis estratégico e operacional para apoiar nossas forças de nível tático, fixando o inimigo em posição, interditando seu fluxo de apoio e negando-lhe áreas seguras. Uma vez que essas condições sejam atendidas, torna-se mais fácil, no nível tático, engajar diretamente e destruir o inimigo com sistemas de armas imediatamente disponíveis. Precisamos, na sequência, continuar a apoiar nossas forças no nível tático na perseguição ao inimigo para provocar sua total destruição, não lhe



Shahidullah Shahid, porta-voz paquistanês do Talibã, ladeado por seus guarda-costas, dirige-se a repórteres em local não revelado, na área tribal paquistanesa do Waziristão, 05 Out 13. Os EUA e seus aliados devem se empenhar em negar áreas seguras em regiões como o Waziristão a organizações como o Talibã e em limitar sua capacidade para exportar sua ideologia por meio da mídia.

(Ishtiaq Mahsud, Associated Press)

permitindo escapar, como ocorreu em 2001, nas montanhas ao redor de Tora Bora, no Afeganistão<sup>5</sup>.

Esses imperativos estratégicos, operacionais e táticos são centrados no inimigo, e seu êxito depende de conhecê-lo — sem desconsiderar suas metas, objetivos e intenções expressas.

## Reorientando Nossos Esforços e Reformulando Nosso Exército

O que precisamos fazer para alcançarmos a máxima de Sun Tzu de “conhecer a si mesmo”? Não podemos mais nos enredar na atividade de construção nacional. Precisamos, em vez disso, reorientar nossos esforços para a condução de operações de ataque simultâneas por todo o campo de batalha. Isso significa que devemos rumar em direção a uma força de projeção de poder, em vez de uma estrutura de força preposicionada em bases avançadas, da era da Guerra Fria. Uma de nossas necessidades mais imediatas é reestruturar nossas Forças Armadas, não com base em um orçamento, e sim em nossos objetivos estratégicos e nos requisitos de cada área de responsabilidade, conforme

identificados pelos comandos unificados geográficos (Pacífico, Europa, África, Sul, Norte e Central). Esse alinhamento regional pode ser efetuado com responsabilidade fiscal, mas precisa ser expedicionário, baseado em forças posicionáveis a partir de plataformas marítimas e aéreas. Além disso, precisamos incluir a consolidação de parcerias estratégicas. Podemos trabalhar com outros países e empregar capacidades e recursos unificados e poderosos.

Infelizmente, estamos caminhando na direção errada ao destruirmos a estrutura da nossa força armada. Estamos jogando um “jogo das cascas de nozes” com nossa estrutura de força, deslocando forças para lá e para cá, em vez de estarem dedicadas a uma área e aptas a conduzir operações para impedir que o inimigo se estabeleça. Precisamos desenvolver Forças Armadas do século XXI, que possam lidar com a situação instável gerada por conflitos entre atores estatais e não estatais nas regiões de todos os comandos combatentes unificados. Mais uma vez, não se trata de criar grandes bases no exterior, mas da capacidade de desdobrar e atacar o inimigo com uma força letal

e feroz, como vimos na campanha de noventa dias que desalojou o Talibã e a Al Qaeda do Afeganistão em 2001<sup>6</sup>. Não precisamos aparecer com uma força maciça de cem mil homens. Lembre-se: nosso objetivo já não é mais a construção nacional.

A Força-Tarefa Aeroterrestre do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) dos EUA tornou-se um modelo de estruturas para o desdobramento de forças, com o emprego de formações de força-tarefa de combate valor brigada/regimento. Na época em que servi como oficial de intercâmbio em Camp Lejeune junto à II Força Expedicionária do CFN dos EUA, vim a compreender a potência dessa estrutura. O Exército dos EUA precisa se encaminhar para esse mesmo esquema; está na hora de desfazer a falange e pensar de maneira diferente. Uma força-tarefa de brigada do Exército [a chamada *brigade combat team* – *BCT*, ou brigada de combate — N. do T. ] precisa ser plenamente integrada com um apoio aéreo do Exército prontamente disponível. A meu ver, devemos transferir o *Thunderbolt II*, conhecido como “Warthog”, para o Exército dos EUA, a fim de garantir que tenhamos apoio aéreo aproximado em tempo hábil para o comandante das forças terrestres; cabe lembrar o imperativo tático de engajar o inimigo com sistemas de armas prontamente disponíveis. Além disso, as unidades do Exército devem aprender a posicionar-se a partir de meios marítimos, da mesma forma que a 10ª Divisão de Montanha foi preparada para ser desdobrada a partir de um navio aeródromo, para uma possível operação no Haiti, em 1994<sup>7</sup>. Precisamos ser capazes de projetar poder de combate a partir do litoral e estendê-lo para o interior.

Um último fator crucial na reformulação de nossas Forças Armadas é a necessidade de encontrar líderes para o Departamento de Defesa que entendam os três níveis da guerra e tenham alguma experiência de combate, em vez de designar tais posições de liderança como recompensa pelo apoio político. Temos um complexo industrial de defesa que diz às Forças Armadas o que necessitam com base nos caprichos dos membros do congresso, que estão preocupados, primordialmente, com programas de emprego em seus respectivos distritos e Estados. Nosso sistema de pesquisa e desenvolvimento, aquisição e abastecimento está sobrecarregado, limitando a capacidade de nossos combatentes para obter sistemas de armas

em tempo hábil. Produzimos análises e estudos estratégicos que geram montanhas de papel, que poucos leem e ninguém implementa. Precisamos de dirigentes políticos que entendam que nem todo dólar em Washington, D.C., é igual, e que nossas Forças Armadas não podem pagar pelo provincianismo irresponsável em termos orçamentários.

## Conclusão

Todas as recomendações apresentadas anteriormente teriam um impacto no combate contra o EI e a jihad global. Entretanto, conforme expresso por Carl von Clausewitz com sua “trindade paradoxal”, o espírito do combatente norte-americano é inigualável, mas é a falta de espírito da nação e do governo que está impedindo nossa vitória contra esse inimigo<sup>8</sup>.

Nossa nação precisa entender que a paz realmente advém da força e que a capacidade de desdobrar forças preparadas prontamente é um fator dissuasório para nossos inimigos. Não apoio a ideia de que devamos ser uma “polícia do mundo”, mas estes são tempos extraordinários, em que enfrentamos um inimigo que está decapitando e crucificando gente inocente. Esse inimigo está forçando uma migração em massa de pessoas, que terá consideráveis ramificações internas para os países ocidentais. O EI e a jihad global podem ser derrotados e sua ideologia, deslegitimada, mas alguém tem de liderar, e essa responsabilidade cabe aos EUA. Esse inimigo deve ser forçado a respeitar a força e o poderio, os quais não temos demonstrado. Daqui para frente, a estratégia de segurança nacional não pode ser definida por promessas e retórica de campanha, porque o inimigo é um fator determinante.

Para concluir, reitero a citação de Sun Tzu: “Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; se tiveres cem combates a travar, cem vezes serás vitorioso. Se ignoras teu inimigo e conheces a ti mesmo, tuas chances de perder e de ganhar serão idênticas. Se ignoras ao mesmo tempo teu inimigo e a ti mesmo, só contarás teus combates por tuas derrotas”. Na atual conflagração contra o EI e a jihad global, nosso país se recusa a conhecer o inimigo. Temos dificuldade em conhecermos a nós mesmos e estamos destruindo nossa capacidade e recursos militares. Assim, nós nos vemos perdendo a batalha. Perdemos no Vietnã, não no nível tático, mas no nível estratégico; não deixemos que a história se repita. ■

O Tenente-Coronel (Res) Allen B. West, Exército dos EUA, é o diretor executivo do National Center for Policy Analysis. Foi membro do Congresso dos EUA, como representante do 22º Distrito da Flórida. É comentarista no canal Fox News e pesquisador sênior no London Center for Policy Research. Contribui, regularmente, para vários veículos da mídia. A carreira militar do Ten Cel West incluiu missões no Iraque em apoio às Operações Desert Shield e Desert Storm e, mais tarde, Operação Iraqi Freedom. Também serviu no Afeganistão como assessor civil durante a Operação Enduring Freedom.

## Referências

- Epígrafe.** TZU, Sun. *The Art of War*, versão em inglês de Lionel Giles (Norwalk, CT: The Puppet Press, 1910), p. 52. [Trecho traduzido extraído de Sun Tzu, *A arte da guerra*. Tradução de Sueli Barros Cassal (Porto Alegre: L&PM, 2011) — N. do T.]
1. "The Taliban", Council on Foreign Relations website, acesso em 3 nov. 2015, [http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/taliban/p35985?cid=marketing\\_use-taliban\\_infogui-de-012115#!](http://www.cfr.org/terrorist-organizations-and-networks/taliban/p35985?cid=marketing_use-taliban_infogui-de-012115#!); Matt Vespa, "Terrific: Taliban Strength At Its Strongest Level In Afghanistan Since 2001", Townhall website, acesso em 3 nov. 2015, <http://townhall.com/tipsheet/mattvespa/2015/10/13/terrific-taliban-strength-at-its-strongest-level-in-afghanistan-since-2001-n2065138>.
  2. Dennis M. Drew, "Rolling Thunder 1965: Anatomy of a Failure", CADRE Paper Report No. AU-ARI-CP-86-3 (Maxwell Air Force Base, AL: Air University Press, October 1986), Airpower Research Institute, acesso em 3 nov. 2015, <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/readings/drew2.htm>.
  3. Hamza Hendawi e Qassim Abdul-Zahra, "ISIS Is Making up to \$50 Million a Month from Oil Sales", reportagem da Associated Press publicada em *Business Insider*, 23 out. 2015, acesso em 3 nov. 2015, <http://www.businessinsider.com/isis-making-50-million-a-month-from-oil-sales-2015-10>.
  4. Ned Berkowitz, "Dem Blames 'Political Correctness' for Fort Hood 'Workplace Violence' Controversy", *ABC News*, 7 May 2013, <http://abcnews.go.com/blogs/headlines/2013/05/dem-blames-political-correctness-for-fort-hood-massacre-controversy/>; Michael Daly, "Nidal Hasan's Murders Termed 'Workplace Violence' by U.S.", *The Daily Beast* website, 6 Aug. 2013, acesso em 3 nov. 2015, <http://www.thedailybeast.com/articles/2013/08/06/nidal-hasan-s-murders-termed-workplace-violence-by-u-s.html>.
  5. Yaniv Barzilai, "How Bin Laden Escaped in 2001—The Lessons of Tora Bora", *The Daily Beast* website, 15 Dec. 2015, acesso em 3 nov. 2015, <http://www.thedailybeast.com/articles/2013/12/15/how-bin-laden-escaped-in-2001-the-lessons-of-tora-bora.html>.
  6. *Ibid.*
  7. Sean C. McGovern, "Army Assault from a Navy Carrier", *Army Logistician* 28(5) (September–October 1996), acesso em 3 nov. 2015, <http://www.almc.army.mil/alog/issues/sepoct/ms992.htm>.
  8. Carl von Clausewitz, *On War*, trans. Michael Howard and Peter Paret (New York: Oxford University Press, 2007), p. 30. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de Michael Howard e Peter Paret — N. do T.]